

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE DIREITO DA UFMG
CURSO DE CIÊNCIAS DO ESTADO**

CAROLINE MARIETE PIMENTEL

**A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA NA GEOPOLÍTICA
INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA**

Belo Horizonte

2022

Caroline Mariete Pimentel

**A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA NA GEOPOLÍTICA
INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA**

**Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Colegiado do curso de
Ciências do Estado, da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito
para aprovação na disciplina de Defesa de
TCC ou Seminário de Iniciação Científica,
bem como a obtenção do grau de bacharel
em Ciências do Estado.**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto
Cardoso**

Belo Horizonte

2022

Ficha Catalográfica

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Caroline Mariete Pimentel

**A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA NA GEOPOLÍTICA
INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Colegiado do curso de Ciências do Estado, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para aprovação na disciplina de Defesa de TCC ou Seminário de Iniciação Científica, bem como a obtenção do grau de bacharel em Ciências do Estado.

Aprovado em: __ / __ / __

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso

Prof. Dr. José Luiz Borges Horta

Doutorando João Pedro Braga de Carvalho

Nota: _____

Belo Horizonte

2022

Para meus pais, por todo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, por sempre acreditarem em mim, no meu potencial e em todos os meus sonhos, sem a base que me deram jamais estaria aqui. Em segundo lugar, a toda minha família, que mesmo longe, sempre torce por mim e pelo meu sucesso. Obrigado por todo o carinho e amor que sempre me deram. Eu amo vocês!

Minha gratidão à Universidade Federal de Minas Gerais, por acreditar na educação pública, gratuita e de qualidade, dando suporte aos alunos e modificando vidas a partir do ensino. Agradeço também a todo corpo docente do curso de Ciências do Estado e pela horas de dedicação, seriedade e disposição em compartilhar seus profundos conhecimentos em cada matéria lecionada. Ensinar é uma arte e os senhores(as) fizeram isso de maneira maravilhosa e surpreendente. Cada um contribuiu de alguma forma para a pessoa e profissional que me tornei. Cito, especialmente, à Professora Doutora Carla Volpini pela orientação de monitoria que muito agregou à minha formação acadêmica.

Um agradecimento especial ao orientador deste trabalho, Professor Doutor Paulo Roberto Cardoso, sem o qual não descobriria essa área linda e intrigante que são os Estudos Estratégicos. Obrigada por não poupar esforços para ajudar seus alunos a alcançarem seus objetivos, por sempre transmitir seus vastos conhecimentos e por estimular cada dia mais o estudo da atividade de inteligência, ainda pouco estudada, mas de grande relevância.

Agradeço também ao Professor Denilson Feitoza Pacheco, à Doutora Elke Moura e aos integrantes da ABIN Minas Gerais, por terem me recebido e concedido a mim entrevistas, nas quais pude aprofundar meus conhecimentos sobre a área de inteligência. A troca de experiências que me foi concedida foi de grande valia. Deixo registrado também o meu eterno agradecimento aos “soldados do silêncio”.

Minha gratidão também aos colegas de curso, os quais guardo no coração, pelas discussões empreendidas em aula, pela motivação em lutar pelo curso de Ciências do Estado, pelas risadas, pelo carinho, pelo compartilhamento de conhecimentos (cada um em sua área) mesmo nos momentos de cansaço nos finais de semestre. Todos vocês têm um lugar especial na minha história e sempre lembrarei dessa época com muito amor e carinho. Agradeço,

ainda, por todos os amigos que pude fazer e estreitar laços a partir do curso e que continuarão, de maneira especial, a fazer parte da minha jornada.

Um agradecimento especial à minha amiga e companheira de curso Ana Carolina Araújo Grossi. Agradeço por você ser essa pessoa maravilhosa que sempre estar ao meu lado, me apoiando, travando batalhas comigo e sendo meu incentivo diário. Obrigada por ser essa pessoa generosa, que ama estudar os mesmos assuntos que eu e por sempre estar disposta a fazer trabalhos e artigos comigo e por todo o período acadêmico em que sempre foi a minha dupla e parceira. Você hoje é mais que uma amiga, é minha irmã! Obrigada por ser essa pessoa de luz na minha vida.

Por fim, mas não menos importante, minha gratidão também ao meu amigo Matheus Perillo Mauro, por ser essa pessoa maravilhosa e encantadora que apareceu na minha vida este ano e já mudou para melhor. Obrigada por todo apoio que me deu, toda admiração, por me ouvir durante horas sobre os temas que pesquiso e amo estudar. Você é um ser humano e amigo especial, que quero manter por toda a minha vida. Sei que sua jornada também será de grandes conquistas e realizações, estarei sempre aqui torcendo por você e pela sua felicidade.

Certamente deixei de citar algumas pessoas e, por essa falta, peço desculpas, mas sei que será compreendida pelos amigos e colaboradores.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.”
(PESSOA, Fernando. 1922)

RESUMO

Este trabalho pretende abordar sobre os dispositivos de Inteligência do Estado, tendo como foco as Agências de Inteligência e sua relevância para a geopolítica atual. Pretende-se analisar desde o ápice desses dispositivos, durante a Guerra Fria, com a ascensão da CIA (Central Intelligence Agency) e da KGB (sigla em russo para Comitê de Segurança do Estado), entendendo a evolução da análise da informação, da espionagem, das mensagens cifradas, entre outros dispositivos utilizados, até a contemporaneidade. E, além disso, entender como a inteligência pode ser utilizada para alterar os rumos da geopolítica, de forma a proteger ou intervir nos Estados. A abordagem também se utilizará da análise das novas ameaças presentes no século XXI.

A pesquisa teve como base metodológica a pesquisa bibliográfica. A coleta de dados se deu através de trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre o assunto, livros, documentos históricos e entrevistas com pessoas da área.

Palavras-chave: Inteligência; Agências de Inteligência, Geopolítica, Conflitos, Novas Ameaças.

ABSTRACT

This work intends to address the State Intelligence devices, focusing on Intelligence Agencies and their relevance to current geopolitics. It is intended to analyze from the apex of these devices, during the Cold War, with the rise of the CIA (Central Intelligence Agency) and the KGB (Russian for State Security Committee), understanding the evolution of information analysis, espionage , from encrypted messages, among other devices used, to the present day. And, in addition, to understand how intelligence can be used to change the course of geopolitics, in order to protect or intervene in States. The approach will also use the analysis of new threats present in the 21st century.

The research was methodologically based on bibliographic research. Data collection took place through academic works developed on the subject, books, historical documents and interviews with people in the area.

Keywords: Intelligence; Intelligence Agencies, Geopolitics, Conflicts, New Threats.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	12
2.1 Contexto Histórico	12
2.2 Inteligência	18
2.3 Contraineligência	23
2.4 Fontes de Inteligência	25
2.4.1 Inteligência Humana (Humint)	26
2.4.2 Inteligência de Sinais (Sigint)	27
2.4.3 Inteligência de Imagens (Imint)	29
2.5 Agências de Inteligência	30
3 GUERRA FRIA, A GUERRA SECRETA	32
4 CENÁRIO PÓS-GUERRA FRIA	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
FILMOGRAFIA	48

A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA NA GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEA

1 INTRODUÇÃO

A atividade de Inteligência é uma das mais antigas executadas pela humanidade. Remontando a história, um dos relatos mais antigos existentes vem do Egito, com os Faraós, há cerca de 3 mil anos a.C. Além disso, pode ser visto em vários relatos bíblicos, como no Antigo Testamento, na passagem em que Moisés envia espiões à Canaã para explorar o que havia nesta terra, quem lá vivia e se o terreno era fértil ou não¹. Desde essa época, a atividade de Inteligência vem se aperfeiçoando, tendo se desenvolvido com o Império Romano, no Mundo Antigo, com a Igreja Católica (como forma de manter o poder hegemônico), na Europa Medieval, até alcançar seu ápice na Era Moderna, durante o século XX.

No século XX, principalmente durante a Guerra Fria, os serviços secretos estiveram muito presentes nas relações das políticas externas, na relação do Estado com o povo e para a manutenção da Segurança Nacional, especialmente após as duas Grandes Guerras que o mundo havia presenciado. Foi a época em que a profissionalização e o estabelecimento dos serviços secretos foram essenciais para definir a conduta de diversos atores no cenário internacional.

Já, o cenário pós-Guerra Fria é marcado por grandes avanços tecnológicos, principalmente no que diz respeito ao setor de comunicação, fazendo com que haja, durante o século XXI, novas roupagens para os conflitos. Além disso, a atividade de inteligência sofreu grande estigmatização e perdas de investimento, principalmente em países como o Brasil em que há um histórico de períodos autoritários anteriores, o que faz com que grande parte da população acredite ser incompatível os serviços de inteligência com a democracia. Acresce a isso, o fato de que, após a Guerra Fria, os serviços de inteligência começaram a agir mais nas “sombras”, não sendo tão perceptível seu poder de atuação e influência na geopolítica internacional contemporânea.

Dessa forma, este trabalho pretende analisar e compreender qual a atuação da Inteligência para os fatos e desdobramentos dos cenários prospectivos e sua importância/influência para a geopolítica internacional atual. Buscando compreender a atuação dos sistemas de Inteligência diante do mundo globalizado, em que se produz um

¹ Números 13, 2:20

grande número de dados, e no momento em que está havendo uma mudança de paradigma dos conflitos inter-estatais. Assim, é interessante observar a importância de um Sistema de Inteligência desenvolvido para salvaguardar interesses nacionais e a forma que as Agências atuam diante dessas novas perspectivas. Portanto, a análise tomará como norte o seguinte questionamento: Como atuam as principais agências de Inteligência no plano da política internacional no período pós Guerra Fria?

2 A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

2.1 Contexto Histórico

A atividade de Inteligência é uma das atividades mais antigas a ser executada pela humanidade. É provável que desde os primórdios, o ser humano se utilize desse meio para sua sobrevivência, já que era necessário observação e conhecimento de inúmeros fatores que poderiam significar a diferença da linha tênue entre a vida e a morte. Sobre isso, o autor Woloszyn afirma:

A informação, no sentido de conhecimento e saber, provavelmente tem sua origem com o surgimento dos primeiros habitantes de nosso planeta, sendo primeiramente uma necessidade básica para sobrevivência da própria espécie em um ambiente hostil, com grandes predadores e fenômenos climáticos adversos. (...) O conhecimento de questões relativas às mudanças de clima, estações, localização de predadores e de animais para a caça, locais seguros para moradia, tipo de pedra e madeira para a fabricação de armas era essencial para a manutenção da espécie.²

Mesmo sem ter um grande aporte de ferramentas, das quais utilizamos hoje para buscas de dados sobre determinado assunto, o homem pré-histórico já utilizava, de forma intuitiva, uma série de informações a seu favor, conseguidas por meio da observação e/ou experiência. Tais informações possibilitaram que o ser humano enfrentasse as adversidades de maneira mais vantajosa e, nesse período, qualquer conhecimento obtido que lhe desse vantagem era importantíssimo para sua subsistência.

Dessa forma, com o passar do tempo, as informações obtidas deixaram de ser apenas a respeito do cotidiano e de como se manter vivo em um ambiente hostil. Com o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e sociais, a necessidade de uma expansão de conhecimento a respeito de novas áreas passou a ser crucial, principalmente quando começa a haver os primeiros conjuntos humanos. A esse respeito, Woloszyn esclarece:

Ao longo desse processo evolutivo, a necessidade de informações foi crescendo cada vez mais, abarcando diversas áreas, como a escolha da época para plantio e colheita, a existência de prováveis inimigos, e até estimar se teriam ou não prosperidade em atividades comerciais e nas relações com outras tribos e povos.³

² WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.13.

³ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.14.

Já, as primeiras evidências escritas a que temos conhecimento da utilização da inteligência remontam aos sumérios e aos egípcios⁴. Ou seja, temos registros do emprego desta atividade desde as primeiras civilizações a que temos conhecimento e suas informações versavam desde assuntos militares até questões de administração da comunidade. Em relação a esse tema, Gonçalves relata:

Um dos primeiros registros de relatórios de inteligência produzidos remonta a 3.000 anos antes de Cristo: trata-se de um documento produzido para o Faraó por uma patrulha da fronteira sul do Egito, em que é informado que ‘encontramos o rastro de 32 homens e 3 jumentos’.

Ainda no que concerne ao Egito, (...) está gravada a história da campanha vitoriosa de Tutmoses III (1490-1436 a.C.) contra um levante sírio em 1488 a.C.. De acordo com os hieróglifos, a vitória do Faraó deu-se graças ao trabalho de seus agentes infiltrados em Megido. Também há registro do uso da inteligência na vitória de Ramsés II contra os hititas na batalha de Kadesh (1274 a.C.).⁵

Entretanto, o consenso entre os historiadores é de que a Bíblia Cristã seria um dos relatos e uma das fontes mais antigas que evidencia a prática da Inteligência. Sendo assim, há duas passagens bíblicas bem conhecidas entre os estudiosos de Inteligência que cabem serem destacadas no presente trabalho. São elas a passagem em que Moisés envia espiões à Terra de Canaã e o relato contido no livro de Jericó em que dois homens são enviados para espionar a Terra de Sitim:

O Senhor disse a Moisés:

‘Envia homens para explorar a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel. Enviarás um homem de cada tribo patriarcal, tomados todos entre os príncipes’.

(...) Enviando-os a explorar a terra de Canaã, Moisés disse-lhes: ‘Ide pelo Negueb e subi a Montanha. Examinai que terra é essa, e o povo que a habita, se é forte ou fraco, pequeno ou numeroso. Vede como é a terra onde habita, se é boa ou má, e como são as suas cidades, se muradas ou sem muros; examinai igualmente se o terreno é fértil ou estéril, e se há árvores ou não. Coragem! E trazei-nos dos frutos da terra. (...)’⁶

Após 40 dias, os espiões enviados por Moisés retornaram relatando o seguinte:

‘Fomos à terra aonde nos enviaste. É verdadeiramente uma terra onde corre leite e mel, como se pode ver por esses frutos. Mas os habitantes dessa terra são robustos, suas cidades grandes e bem muradas; (...)’⁷

⁴ HUGHES-WILSON, op.cit., pp.24 e ss. *apud* GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p.17.

⁵ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p.17.

⁶ NÚMEROS 13, 1:20. Bíblia Sagrada, disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/numeros/13/>. Acesso em: 02 jul.2022.

⁷ NÚMEROS 13, 27:28. Bíblia Sagrada, disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/numeros/13/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

Josué, filho de Nun, despachou de Sitim secretamente dois espiões: ‘Ide -, disse-lhes ele - e examinai a terra e a cidade de Jericó’. Foram e entraram na casa de uma prostituta, chamada Raab, onde se alojaram.
(...) Os dois homens desceram então do monte e, voltando, passaram o Jordão. Foram para junto de Josué, filho de Nun, e contaram-lhe tudo o que se tinha passado.⁸

Além destas passagens, outra muito importante também presente na Bíblia é a presente em Gênesis, na qual Noé solta uma pomba para verificar se as águas do dilúvio já haviam secado, tratando-se de uma forma pioneira da Inteligência de Sinais. Abaixo se segue a passagem:

No fim de quarenta dias, abriu Noé a janela que tinha feito na arca e deixou sair um corvo, o qual saindo, voava de um lado para o outro, até que aparecesse a terra seca. Soltou também uma pomba, para ver se as águas teriam já diminuído na face da terra. A pomba, porém, não encontrando onde pousar, voltou para junto dele na arca, porque havia ainda água na face da terra. Noé estendeu a mão, e tendo-a tomado, recolheu-a na arca. Esperou mais sete dias, e soltou de novo a pomba fora da arca. E eis que pela tarde ela voltou, trazendo no bico uma folha verde oliva. Assim Noé compreendeu que as águas tinham baixado sobre a terra. Esperou ainda sete dias, e soltou a pomba que desta vez não voltou mais. No ano seiscentos e um, no primeiro mês, no primeiro dia do mês, as águas se tinham secado sobre a terra. Noé descobriu o teto da arca, olhou e viu que a superfície do solo estava seca.⁹

A partir dos textos bíblicos relatados acima, é possível perceber a coleta de dados realizados pelos espiões e o quão longeva é essa atividade. O trecho transcrito do Livro Números é considerado a primeira “ordem de busca” que se tem registro, sendo muito dos textos antigos retirados da Bíblia várias fontes históricas a que fazem referência a espionagem e a informação. Esses relatos trazem consigo o princípio do que foi a atividade de Inteligência e mostram a sua relevância desde essa época.

Outra obra da antiguidade muito célebre e que retrata a importância de se empregar a Inteligência, principalmente, como uma tática chave para a guerra, foi o livro sobre a arte militar chinesa, *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, o qual se tornou um clássico nos dias atuais. Esta obra foi escrita há cerca de 500 anos a.C. e apresenta diversos ensinamentos sobre estratégias que podem ser empreendidas em um conflito. Seu último capítulo é dedicado à inteligência, atividade tida como fundamental para se atingir a vitória, em relação a isto temos a seguir:

⁸ JOSUÉ 2, 1:23. Bíblia Sagrada. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/josue/2/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

⁹ GÊNESIS 8, 1:13. Bíblia Sagrada, disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/8/amp/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

Se um soberano iluminado e seu comandante obtêm a vitória sempre que entram em ação e alcançam feitos extraordinários, é porque eles detêm o conhecimento prévio e podem antever o desenrolar de uma guerra. Este conhecimento prévio, no entanto, não pode ser obtido por meio de fantasmas e de espíritos, nem pode ser obtido com base em experiências análogas, muito menos se deduzido com base em cálculos das posições do sol e da lua. Deve ser obtido das pessoas que, claramente, conhecem as situações do inimigo.

(...) O uso de espíões é essencial na guerra, e o exército depende desse serviço nos seus movimentos.¹⁰

Tais atividades não se ativeram apenas na região da Ásia Oriental, o mundo helênico, principalmente, na Grécia Antiga há relatos semelhantes. Gonçalves (2008) explicita o feito de Alexandre, o Grande, que obtinha informações de outros povos a partir de viajantes que cruzavam seu reino, dessa forma conseguia dados suficientes para auxiliá-lo em suas conquistas. Além de utilizar a censura postal para descobrir a lealdade ou infidelidade daqueles que compunham seu exército e mensagens cifradas para se comunicar.

(...) Visitantes estrangeiros vindos de terras que mais tarde Alexandre, o Grande, conquistaria, recordam a insistência de suas perguntas a respeito do tamanho da população em seus países, da produtividade do solo, da direção dos rios e estradas que o atravessavam, da localização das cidades, baías e praças fortificadas e da identidade dos cidadãos importantes. O jovem Alexandre coletava o que hoje se chamaria inteligência econômica, regional ou estratégica (...).¹¹

Outro Império para o qual a Inteligência foi de extrema relevância foi o Império Romano. À medida que ocorria a expansão de Roma em torno do Mediterrâneo e seu poder e influência aumentavam sobre outras civilizações do Mundo Antigo, foi necessário o aperfeiçoamento das práticas da atividade de Inteligência. Crasso, importante general romano, o qual junto à Júlio César e Pompeu formaram o primeiro Triunvirato, possuía um sistema de inteligência que alcançava praticamente todos os territórios que formavam a República de Roma, seus informantes reportavam qualquer ameaça a Roma ou à riqueza de Crasso. Com sua morte, a rede de informantes foi herdada por Júlio César. Este, por sua vez, foi o responsável por desenvolver o primeiro sistema nacional de inteligência romano, o qual foi um instrumento de grande poder nas mãos dos imperadores seguintes¹². A respeito desse assunto, Woloszyn afirma:

¹⁰ SUN TZU. A Arte da Guerra. p.46-47. Disponível em:

<https://www.sogipa.com.br/web/imgs/arquivos/a-arte-da-guerra5e8e0e84.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

¹¹ KEEGAN, John. Inteligência na Guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp.25-26. *apud* GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p.20.

¹² GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p.21-22.

Registros antigos descrevem que as legiões romanas no século I a.C., nas guerras da Gália, utilizavam a informação por meio da figura dos *speculadores*, um grupo de combate especializado em operações clandestinas que se infiltrava no território inimigo em busca de informações que eram repassadas posteriormente ao comando das tropas em forma de relato oral, Mas essa não era a única fonte. As informações também eram obtidas pelo interrogatório de prisioneiros de guerra, desertores e habitantes locais, mediante pagamento, recebimento de víveres ou em troca da própria liberdade.¹³

Toda essa rede de informações romanas esteve presente por todo seu governo até o colapso do Império do Ocidente, no século V d.C., se mantendo posteriormente pelo Império Bizantino (herdado de Roma).

Durante a Idade Média, o poder pulverizado entre senhores feudais fez com que o sistema de inteligência fosse enfraquecido contra as diversas ameaças que afligiam. A atividade de Inteligência não desapareceu da Europa, pois, a detentora de poder hegemônico da época, a Igreja Católica Apostólica Romana, possuía um sistema de informações eficiente, o que foi crucial para a manutenção do seu poder durante séculos nesta região. O sistema de inteligência, então, foi utilizado para identificar, perseguir e punir adversários da Igreja, assim como foram utilizados durante a “Santa Inquisição”. Os quatro pilares que fundamentaram o sistema de inteligência da Igreja eram os seguintes: a Inquisição, o poder confessional, o monopólio e acesso ao conhecimento e o controle das comunicações¹⁴.

(...) durante a Inquisição havia na Europa uma rede de espiões e delatores cuja principal tarefa era monitorar e identificar pessoas suspeitas da prática de bruxaria e de cultos considerados pagãos.¹⁵

O final da Idade Média e o início dos primeiros Estados Nacionais fez com que crescesse o uso de espiões. Estes estavam entre sacerdotes, peregrinos, mercadores, diplomatas, ou seja, pessoas que tinham uma vida itinerante¹⁶, este método lembra o utilizado por Alexandre, o Grande, citado anteriormente neste trabalho.

Já, na Era Moderna, a utilização dos serviços de Inteligência deveu-se graças ao surgimento e formação dos Estados Nacionais, os quais serviam como um aparato de defesa e de estratégia dos interesses estatais. Um exemplo disso, foi a utilização de inteligência e

¹³ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.18.

¹⁴ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p.26.

¹⁵ WOLOSZYN, André Luís. op. cit. p.20.

¹⁶ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Brasil, Serviços Secretos e Relações Internacionais: Conhecendo um pouco mais sobre o Grande Jogo*. Defesa Nacional para o Século XXI: Política Internacional, Estratégia e Tecnologia Militar. 2012. p. 302, cap. 10.

contraineligência durante o período das Grandes Navegações, como lembra Gonçalves (2008), e durante as disputas por novas rotas comerciais.

Os conhecimentos, por exemplo, da chamada “Escola de Sagres” eram questão de segurança nacional para o Estado português. Assim, fosse no contexto de embates militares, fosse nas disputas por rotas e mercados, a inteligência, para buscar informações em poder dos adversários, e a contra-inteligência, para proteger o conhecimento dos agentes adversos, eram fundamentais para os Estados nacionais que se constituíam na Era Moderna.¹⁷

Dessa forma, os Estados começaram a utilizar cada vez mais a Inteligência e de forma mais ampla, estendendo seu campo de atuação para além de somente o campo militar, utilizando-a como subsídio ao processo decisório de políticas de segurança, defesa e relações exteriores¹⁸. Mas, é somente na transição da Era Moderna para a Era Contemporânea que a atividade de Inteligência foi reconhecida formalmente pelas autoridades e tida a real relevância. Assim, o primeiro serviço secreto organizado teve início na Inglaterra, criado pelo ministro do Exterior da rainha Elizabeth I, sir Francis Walsingham, em 1573¹⁹.

A rede de espões de Walsingham agia por toda a Europa coletando informações e identificando ameaças à Inglaterra protestante. Em termos de segurança doméstica, o grande mérito de Walsingham foi ter neutralizado a conspiração de Babington, o que culminou no julgamento e execução de Mary Stuart, rainha católica da Escócia, pretendente ao trono inglês e a maior ameaça à coroa de Elizabeth I. (...) Já no campo internacional, foram muitas as ações dos agentes de Walsingham em prol dos interesses ingleses nas disputas com as potências européias, particularmente com a França e, sobretudo, com o então Estado hegemônico da Europa, a Espanha de Felipe II.²⁰

Outro nome de destaque é o de Napoleão Bonaparte, considerado um dos maiores estrategistas militares da História, o qual tinha como forma de assessoramento, no século XIX, o sistema de informações e contrainformação baseado no tratado romano *De Re Militari*²¹. Ele se utilizou da inteligência tanto em âmbito doméstico quanto internacional, sendo amplamente reconhecido pelos seus sucessos nos campos de batalha, durante as Guerras Napoleônicas.

¹⁷ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p.27.

¹⁸ Gill & Phythian, *op. cit.*, p. 9. *apud* GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 31.

¹⁹ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.21.

²⁰ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 28-29.

²¹ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.19.

Ao longo de todo o século XIX, a atividade de inteligência seria aperfeiçoada em suas vertentes doméstica, militar e estratégica. (...) na área militar, foi amplo o emprego da inteligência em conflitos como a Guerra da Criméia (1853-1856), a Guerra Civil nos EUA (1861-1865) e a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Finalmente, recorria-se cada vez mais ao aparato de inteligência estratégica para subsidiar o processo decisório dos governantes (...).²²

Mas, foi no século XX que a atividade de Inteligência ganhou imenso destaque e alcançou seu apogeu, já que nesta época foi deflagrada tanto a Segunda Guerra Mundial, considerada como a “Guerra da Inteligência”, quanto a Guerra Fria, considerada como uma “grande operação de Inteligência”. Dessa forma, ao longo do século XX, os serviços de inteligência marcaram presença nas relações de políticas interna e externa, sendo muitas vezes o diferencial da vitória ou derrota durante os conflitos. Sobre isso, Gonçalves destaca:

Nada em termos de atividade de inteligência nos séculos anteriores pôde-se comparar à última centúria do segundo milênio em termos de intensidade, abrangência e do estabelecimento dos serviços secretos como organizações estatais permanentes e estratégicas. Daí se intitular o século XX como ‘o século dos espões’.²³

Dessa forma, em tópicos ao longo deste trabalho daremos destaque também a esse tema. A seguir, será abordado sobre as conceituações em torno dos Sistemas de Inteligência.

2.2 Inteligência

O conceito de Inteligência é diverso etimologicamente, apresentando várias conceituações e significados semânticos. Mesmo fora do âmbito das ciências cognitivas, por exemplo, não há consenso entre os autores que pesquisam o assunto. Então, é necessário uma explanação do que seria a Inteligência de Estado, objeto de estudo deste trabalho.

Dessa forma, o autor Marco Aurélio Cepik atribui à Inteligência dois usos principais, uma definição ampla e outra restrita. Assim, ele estabelece:

Uma definição ampla diz que a inteligência é toda informação coletada, organizada ou analisada para atender as demandas de um tomador de decisões qualquer. (...) Nessa acepção ampla, inteligência é o mesmo que conhecimento ou informação analisada.

²² GONÇALVES, Joanisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 41.

²³ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Brasil, Serviços Secretos e Relações Internacionais: Conhecendo um pouco mais sobre o Grande Jogo*. Defesa Nacional para o Século XXI: Política Internacional, Estratégia e Tecnologia Militar. 2012. p. 302, cap. 10.

(...) uma definição mais restrita diz que inteligência é a coleta de informações sem o consentimento, a cooperação ou mesmo o conhecimento por parte dos alvos da ação. Nessa acepção restrita, inteligência é o mesmo que segredo ou informação secreta.²⁴

Contudo, o autor chama a atenção para que ao utilizar um desses dois sentidos não torne a inteligência com um entendimento nem muito restrito nem muito amplo, já que no primeiro caso a inteligência seria equiparada a apenas informações gerais e, no segundo caso, a apenas espionagem. Sendo assim, Cepik esclarece:

No mundo real, porém, as atividades dos serviços de inteligência são mais amplas do que a espionagem, e também são mais restritas do que o provimento de informações em geral sobre quaisquer temas relevantes para a decisão governamental. Isso coloca uma dificuldade muito concreta, não meramente semântica, para uma conceituação precisa da atividade de inteligência que permita diferenciá-la, simultaneamente, da noção excessivamente ampla de informação e da noção excessivamente restrita de espionagem.²⁵

Ainda seguindo esta linha de pensamento, é importante destacar a diferenciação entre inteligência e espionagem. Nesse sentido, a autora Antunes relata:

O senso comum normalmente associa a atividade de inteligência a espionagem, trapagens e chantagens, imagem amplamente incentivada pela literatura ficcional e pela mídia. Não obstante o termo *intelligence* ser um eufemismo anglo-saxão para a espionagem, esta é apenas uma parte do processo de inteligência, que é muito mais amplo (...).

Portanto, a atividade de inteligência refere-se a certos tipos de informações, relacionadas à segurança do Estado, às atividades desempenhadas no sentido de obtê-las ou impedir que outros países as obtenham e às organizações responsáveis pela realização e coordenação da atividade na esfera estatal.²⁶

Já o autor Sherman Kent apresenta uma das definições mais conhecidas, por muito tempo como o “pai da inteligência”, ele coloca a Inteligência subdividida em três facetas: conhecimento, organização e atividade, ou também entendidos como produto, organização e processo. Dessa forma, Gonçalves, apresenta tais definições da seguinte forma em sua tese:

Inteligência como produto, conhecimento produzido: trata-se do resultado do processo de produção de conhecimento e que tem como cliente o tomador de decisão em diferentes níveis. Assim, o relatório/documento produzido com base em um processo que usa metodologia de inteligência também é chamado de inteligência. Inteligência é, portanto, conhecimento produzido.

Inteligência como organização: diz respeito às estruturas funcionais que têm como missão primordial a obtenção de informações e produção de conhecimento de

²⁴ CEPIK, Marco A. C. Espionagem e Democracia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 27-28.

²⁵ CEPIK, Marco A. C. op. cit. p. 28.

²⁶ ANTUNES, 2002, p. 21. *apud* PEREIRA, Cláudia Vieira. A Atividade de Inteligência como Instrumento de Eficiências no Exercício do Controle Externo pelo Tribunal de Contas da União. Centro Universitário Newton Paiva. Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2009. p. 21.

inteligência. Em outras palavras, são as organizações que atuam na busca do dado negado, na produção de inteligência e na salvaguarda dessas informações, os serviços secretos.

Inteligência como atividade ou processo: refere-se aos meios pelos quais certos tipos de informação são requeridos, coletados/buscados, analisados e difundidos, e, ainda, os procedimentos para a obtenção de determinados dados, em especial aqueles protegidos. Esse processo segue metodologia própria.²⁷

Já, o autor João Manoel Roratto, instrutor de Inteligência da Esint/Abin, traz em seu artigo *Acepções e Conceitos de Inteligência de Estado* a discussão de várias compreensões de Inteligência, desde o conceito ligado a formação do conhecimento humano até as considerações feitas pela psicologia, antes de adentrar o que seria a Inteligência de Estado. Para isso, Roratto busca as definições trazidas por outros autores, entre eles Bruneau e Godson, as quais merecem ser destacadas abaixo:

Para Bruneau (2003, p. 202), a Inteligência é definida principalmente como processo de recolher e utilizar informações para qualquer finalidade. Uma vez que os processos são variados, diz ele, tão variados quanto as fontes de informações e as suas finalidades, muita coisa é necessariamente deixada vaga. Por outro lado, a grande parte das discussões na comunidade de Inteligência centra-se na perícia. (...) Já na visão de Godson (1997) (...) Inteligência pode ser definida como um conhecimento, organização e atividades que resultam: (1) na coleta, análise, produção, difusão e na utilização especializada de informações relativa a outros governantes, grupos políticos, partidos, forças militares, movimentos ou outras associações que dizem respeito a grupos ou a segurança governamental; (2) na neutralização ou na contraposição de atividades similares realizados por outros grupos, movimentos ou governos; e (3) em atividades encobertas, realizadas para influir na composição e comportamento de grupos e governos.²⁸

Nesse sentido, Roratto considera que a Inteligência está relacionada à cultura de determinado país, com todas as suas particularidades, ou seja, para ele depende das condições históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais e de defesa, não precisando, dessa forma, de uma definição muito precisa, já que as relações globais nas quais está inserida são dinâmicas. Contudo, é necessário que haja um controle sobre esta atividade para que, assim, não ocorra desvios, como salientamos abaixo:

E uma das funções da atividade de Inteligência é a de ser extremamente dinâmica, ter agilidade de ação para prever fatos ou situações de interesse do Estado e agir nos efeitos quando necessário, mas com o devido controle, interno e externo, para prevenir possíveis desvios.²⁹

²⁷ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 134.

²⁸ RORATTO, José Manoel. *Acepções e Conceitos de Inteligência de Estado*. Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: Abin, n. 7, p. 37-38, jul. 2012.

²⁹ RORATTO, José Manoel. *Acepções e Conceitos de Inteligência de Estado*. Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: Abin, n. 7, p. 38, jul. 2012.

Ele ainda destaca que,

A Inteligência de Estado deve voltar-se para encontrar as informações verdadeiras, e não apenas as aparentes, para bem cumprir seu papel de informar aos dirigentes e proteger os interesses do Estado e da sociedade. Deve, ainda, atuar no sentido de resguardar informações atinentes às suas próprias atividades e àquelas que temporária ou permanentemente só dizem respeito aos interesses nacionais. Nos novos tempos, os estados enfrentam de forma ampliada outras formas de ameaças que devem ser entendidas pelos seus dirigentes e para aos (*sic*) quais os serviços de Inteligência devem voltar-se no sentido da proteção da sociedade.³⁰

O autor Shulsky entende a Inteligência como informação, atividade e organização, de modo similar a Kent. Gonçalves aborda esta definição de forma a ressaltar a utilização da inteligência como a busca de informação que se mostra importante para determinado campo estatal, de forma que o conhecimento desses dados possibilita a formulação e implementação de políticas voltadas para ameaças em potencial, agindo em prol da Segurança Nacional. Nessa conceituação, há a separação da definição e atividade, de forma que a atividade aparece como a coleta e análise das informações, além da contenção de ações provenientes de Inteligência adversas, ou seja, atividades que abarcam a seara da Contrainteligência para deter avanços de serviços de Inteligência de outros países.³¹

Segundo Washington Platt, autor da obra *A Produção de Informações Estratégicas*, considerado um dos autores clássico para estudos sobre a temática estudada aqui, a inteligência

[...]é um termo específico e significativo, derivado da informação, informe, fato ou dado que foi selecionado, avaliado, interpretado e, finalmente, expresso de forma tal que evidencie sua importância para determinado problema de política nacional corrente. Esta definição traz à tona o problema da distinção entre o informe bruto (*raw information*) e a informação acabada (*finished intelligence*), distinção que é objeto de tanto orgulho profissional na Comunidade de Informações.³²

Já perante a Lei brasileira nº 9.883 de 7 de dezembro de 1999, que instituiu o Sistema Brasileiro de Inteligência - SISBIN -, assim como criou a Agência Brasileira de Inteligência - ABIN -, oferece em seu § 2º o seguinte entendimento para Inteligência:

Para os efeitos de aplicação desta Lei, entende-se como inteligência a atividade que objetiva a obtenção, análise e disseminação de conhecimentos dentro e fora do território nacional sobre fatos e situações de imediata ou potencial influência sobre o

³⁰ RORATTO, José Manoel. op. cit. 2012.

³¹ GONÇALVES, Joanisval Brito. O Controle da Atividade de Inteligência: Consolidando a Democracia. Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: Abin, v.1, n.1, p. 21-22, dez. 2005.

³² PLATT, Washington. A Produção de Informações Estratégicas. Biblioteca do Exército. Publicação 445. Coleção General Benício. v, 123, p. 30.

processo decisório e a ação governamental e sobre a salvaguarda e a segurança da sociedade e do Estado.³³

Para a CIA - Agência Nacional de Inteligência dos Estados Unidos - em seu Guia de Inteligência, utiliza-se desse meio para recolher informações dentro e fora do país que sejam de interesse à segurança nacional dos EUA. Dessa forma, o governo utiliza a inteligência para melhorar e entender as consequências de suas decisões acerca da temática de segurança, auxiliando assim futuras decisões políticas, militares e de cunho internacional (Nacional Intelligence, a Consumer's Guide, 2009)³⁴.

Portanto, para efeitos do presente trabalho, o termo Inteligência não será utilizado de forma muito abrangente nem restrita, focando no encaixe dessas duas formas, já que a atividade de Inteligência tem o papel de recolher informações e dados que serão analisados a fim de produzir determinado conhecimento, com a finalidade de assessorar a tomada de decisões. Mas, também, para ser considerado Inteligência é importante o papel do sigilo, seja na coleta de dados ou na conclusão da análise que foi possível chegar através destes, fazendo com que o agente decisor esteja a frente em cenários estratégicos e/ou prospectivos.

Dessa forma, vale destacar esta análise realizada por Gonçalves:

Assim, para se compreender o significado de inteligência, é fundamental que se entenda que se trata de um conhecimento processado - a partir de matéria bruta, com metodologia própria -, obtido de fontes com algum aspecto de sigilo e com o objetivo de assessorar o processo decisório. Atente-se para o fato de que a inteligência lida também com fontes abertas, ostensivas, mas para que se produza um conhecimento de inteligência é necessário, de maneira geral, que haja uma parcela de dados sigilosos em sua produção. Claro que pode haver produção de conhecimento de inteligência que seja sigiloso não necessariamente pelos dados nele utilizados, mas pela análise realizada. Além de conhecimento, a atividade de inteligência poderá ser o processo de produção em si ou, ainda, a organização

³³ BRASIL. Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999. Institui o Sistema Brasileiro de Inteligência, cria a Agência Brasileira de Inteligência - ABIN, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1999.

³⁴ "According to the Intelligence Reform and Terrorism Prevention Act of 2004 (IRTPA), National Intelligence and the term 'intelligence related to national security' refer to all intelligence, regardless of the source from which it is derived and including information gathered within or outside the U.S., that:

- Pertains, as determined consistent with any guidance issued by the President, to more than one U.S. Government agency; and
- That involves:
 - Threats to the U.S., its people, property, or interests;
 - The development, proliferation, or use of weapons of mass destruction; or
 - Any other matter bearing on U.S. national homeland security.

The U.S. Government uses intelligence to improve and understand the consequences of its national security decisions. Intelligence assists policy decisions, military actions, international negotiations, and interactions with working-level contacts in foreign countries. In some circumstances, it can also aid homeland security providers and first responders." (Central Intelligence Agency. Nacional Intelligence: A Consumer's Guide. 2009. p. 6).

encarregada de obter, produzir e difundir inteligência, também chamada de serviço secreto.³⁵

2.3 Contrainteligência

A Contrainteligência é um ramo indissociável da Inteligência, responsável por salvaguardar todos os dados e análises obtidas através do processo da atividade de inteligência, assim como todo conhecimento gerado, além de neutralizar a Inteligência adversa³⁶, ou seja, aquelas realizadas por Agências de Inteligência de outros Estados. A Contrainteligência assume papel importantíssimo em todo o processo, já que tem como propósito a proteção do Estado e da sociedade, de suas infraestruturas críticas e de seus segredos, sendo a primeira linha defensiva que busca o impedimento da ação dos serviços secretos adversos³⁷.

Dessa forma, Cepik elucida:

(...)enquanto a inteligência procura conhecer o que os comandantes e governantes que a dirigem necessitam saber sobre as ameaças e problemas relativos à segurança do Estado e dos cidadãos, a área de segurança de informações (*infosec* ou *informations security*) procura proteger as informações que, uma vez obtidas por um adversário ou inimigo (...), poderiam tornar vulneráveis e inseguros o Estado e os cidadãos. A área de inteligência e a área de segurança exercem funções simétricas e mutuamente dependentes.³⁸

A respeito dessa conceituação, vale a pena destacar que, para o autor, segurança de informações ou infosec é formado por três componentes, são eles: a contramedida de segurança (SCM), a contrainteligência (CI) e a segurança de operações (Opsec)³⁹. Para efeitos deste trabalho, consideraremos a infosec sendo a Contrainteligência como um todo, estando inseridos estes três componentes nesta atividade.

Assim sendo, para Cepik a principal missão da Contrainteligência seria “garantir que os ‘outros’ só conhecerão o que quisermos que eles conheçam sobre nós mesmos”.

No âmbito legislativo brasileiro, o decreto nº 4.376, de 13 de setembro de 2002, o qual dispõe sobre a organização e o funcionamento do SISBIN, instituído pela Lei nº 9.883, de 7

³⁵ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 141-142.

³⁶ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 177.

³⁷ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 178.

³⁸ CEPIK, Marco A. C. Espionagem e Democracia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 56-57.

³⁹ CEPIK, Marco A. C. op. cit. p. 57.

de dezembro de 1999, citado anteriormente neste trabalho, define a Contrainteligência da seguinte maneira no seu art. 3º:

Entende-se como contra-inteligência a atividade que objetiva prevenir, detectar, obstruir e neutralizar a inteligência adversa e ações de qualquer natureza que constituam ameaça à salvaguarda de dados, informações e conhecimentos de interesse da segurança da sociedade e do Estado, bem como das áreas e dos meios que os retenham ou em que transitam.⁴⁰

Para a Doutrina Nacional de Inteligência de Segurança Pública, em sua 4ª edição, apresenta que a Contrainteligência se destina a “proteger a atividade de inteligência e a instituição a que pertence, mediante a produção de conhecimento e implementação de ações voltadas à salvaguarda de dados e conhecimentos sigilosos, além da identificação e neutralização das ações adversas de qualquer natureza⁴¹.”

Já, em sua tese, Gonçalves esclarece que a Contrainteligência envolve produção, conhecimento e operações, mas tem procedimentos específicos para a salvaguarda do conhecimento obtido pela atividade de Inteligência, sem estes procedimentos ofensivos e defensivos. Ele ainda destaca que apesar de ter um “caráter eminentemente defensivo, seus métodos de ação e suas operações são essencialmente ofensivos”⁴². Dessa forma, ele apresenta os seguintes tipos de Contrainteligência, defendidos por Lowenthal:

contra-inteligência para reunião (coleta/busca): tem por objetivo obter e produzir informações sobre as capacidades de oponentes de coletar/buscar informações que possam interessar ou constituir-se em ameaça a quem ou o que é protegido pela contra-inteligência;

contra-inteligência defensiva: sua missão é frustrar os esforços de pessoas ou organizações adversas que tenham interesse em ter acesso às informações protegidas ou desenvolvam ações intrusivas;

contra-inteligência ofensiva: uma vez identificada a tentativa de um oponente contra seu sistema de inteligência, a contra-inteligência ofensiva buscará neutralizar esse ataque, por exemplo, buscando recrutar o agente adverso e convertê-lo em agente duplo ou fornecendo informações falsas para nutrir a inteligência adversa.⁴³ (grifos nossos)

⁴⁰ BRASIL. Decreto nº 4.376, de 13 de setembro de 2002, o qual dispõe sobre a organização e o funcionamento do Sistema Brasileiro de Inteligência, instituído pela Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

⁴¹ BRASIL. Presidência da República. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Doutrina Nacional de Inteligência de Segurança Pública. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública. 4 ed., 2014, p. 43.

⁴² GONÇALVES, Joannisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 178.

⁴³ GONÇALVES, Joannisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 179.

Dessa forma, o objetivo primordial da Contraineligência é fazer com que as ações de Inteligência adversas não penetrem o serviço secreto a quem serve, tomando diversas medidas de segurança para garantir a manutenção do sigilo. Podendo suas medidas serem aplicadas a órgãos governamentais e empresas privadas⁴⁴.

Contudo, se faz importante destacar que os serviços de Contraineligência estão mais sujeitos a cometer arbitrariedades. A esse respeito, Gonçalves esclarece:

Por lidarem eminentemente com segurança interna, os setores ou serviços de contra-inteligência estão mais sujeitos aos riscos de exorbitarem seu poder e cometer arbitrariedades. Em regimes autoritários, diga-se de passagem, os órgãos de contra-inteligência costumam ser usados como parte importante do aparato repressor do Estado. Nesse contexto, a atividade de contra-inteligência passa a ser desvirtuada e empregada na perseguição de pessoas consideradas 'subversivas' ou antagônicas ao regime - isso pode ocorrer (...) na idéia de que o Estado e os serviços secretos estariam envolvidos em uma "guerra" contra esses antagonistas (...).⁴⁵

A fim de se evitar esses desvios e abusos, o autor acrescenta:

(...)nos regimes democráticos, em especial naquelas democracias recentes de países que viveram períodos autoritários, o papel do controle externo exercido pelo Poder Legislativo mostra-se fundamental.⁴⁶

Portanto, é necessário que o Estado tenha uma Contraineligência desenvolvida para a proteção do âmbito interno e, além disso, para que tudo que venha a ser elaborado pela atividade de Inteligência continue a gerar uma garantia estratégica e não seja descoberto por serviços de inteligência adversos. Para isso, é importante que a Contraineligência esteja presente em todas as etapas de produção de conhecimento, pelo qual são submetidos os dados coletados pela Inteligência.

2.4 Fontes de Inteligência

Agora que tem-se o conhecimento a respeito da Inteligência e Contraineligência, é importante destacar os diferentes métodos de obtenção de dados utilizados na atividade de Inteligência. As formas de coleta desses dados são definidas segundo as fontes típicas, que são divididas em: fontes humanas, também conhecida pelo acrônimo derivado do uso norte-americano *humint* (*human intelligence*), fontes de sinais, *sigint* (*sigint intelligence*), e fontes de imagens, *imint* (*imagery intelligence*). Cabe destacar que, no Brasil, a divisão é feita

⁴⁴ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 180.

⁴⁵ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 181.

⁴⁶ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 181.

apenas em inteligência oriunda de fontes humanas e inteligência obtida por meios técnicos e tecnológicos (*technical intelligence - techint*)⁴⁷. Abaixo se segue uma breve explicação delas.

2.4.1 Inteligência Humana (Humint)

As fontes humanas é provavelmente a mais antiga fonte de que temos conhecimento, já que são aquelas obtidas através das pessoas. Anteriormente, neste trabalho, já falamos sobre os relatos encontrados na bíblia cristã, este é um dos exemplos a que temos conhecimento da utilização de fontes humanas, tanto por Moisés quanto por Josué, registradas. A esse respeito, Gonçalves esclarece:

Assim, a forma organizada mais antiga de obtenção de informações é aquela realizada por meio de fontes humanas, as quais podem ser oficiais ou não oficiais, orgânicas - pertencentes aos serviços de inteligência - ou não-orgânicas - denominadas “agentes”-, conscientes ou não de sua condição. As fontes humanas variam também conforme seu grau de sensibilidade, ou seja o nível de conhecimento a que têm acesso e de confiabilidade. Nesse sentido, Herman estabeleceu um modelo baseado em uma pirâmide de sensibilidade das fontes, em cujo ápice os oficiais de inteligência e seus agentes locais e na base sem vínculo com a atividade de inteligência, mas que podem fornecer informações importantes para a inteligência, entre os quais viajantes e acadêmicos.⁴⁸

Cepik destaca que o acrônimo utilizado pela inteligência norte-americana (humint) e incorporado ao jargão internacional surge como uma forma de evitar o uso do termo espionagem, termo este “muito mais pesado do ponto de vista legal e político”. Entretanto, ele esclarece que apesar de indicar uma inteligência que obtém dados a partir de fontes humanas, “está longe de resumir-se aos arquétipos da espionagem”⁴⁹. A esse respeito, o autor esclarece:

É preciso diferenciar basicamente dois tipos de atores nessa área: os oficiais de inteligência, ou seja, aqueles funcionários de carreira que trabalham para um serviço de inteligência e são responsáveis pelas operações de coleta de informações, e suas fontes, algumas das quais são agentes. Uma confusão bastante comum acontece porque tende-se a chamar ambos os atores relevantes de espões.⁵⁰

⁴⁷ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 193.

⁴⁸ GONÇALVES, Joanisval Brito. *op. cit.* p. 194.

⁴⁹ CEPIK, M. A. C. *Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

⁵⁰ CEPIK, M. A. C. *Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

Dessa forma, uma maneira em que há a utilização das fontes humanas é através de oficiais de inteligência, dos próprios serviços secretos, que são designados a uma missão específica. Neste caso, são devidamente credenciados, como diplomatas, adidos de inteligência ou de segurança, ou extra-oficialmente, sob cobertura (ou seja, atuam por conta própria, reportando-se apenas aos seus superiores)⁵¹.

Uma outra maneira, é realizada pelos agentes, os quais são pessoas que não pertencem ao serviço de inteligência, diferentemente dos oficiais de inteligência. Tais agentes são considerados as verdadeiras e tradicionais fontes humanas. De acordo com Gonçalves, é importante salientar que os oficiais de inteligência também podem ser chamados de agentes, o que pode causar confusão, até mesmo dentro de alguns serviços secretos. Com isso, é destacado por Shulsky & Schmitt os dois tipos de pessoas empregadas numa operação de inteligência de fontes humanas, o oficial de inteligência e aquela que provê este oficial com informações⁵².

Hoje, as fontes humanas continuam sendo bastante utilizadas, sua importância se dá pelo fato de que, por meio delas, se obtêm informações que por meio técnicos seriam quase impossíveis de serem alcançadas.

2.4.2 Inteligência de Sinais (Sigint)

A Inteligência de Sinais é a segunda fonte mais antiga de obtenção de dados. É por meio dela que há o processo de interceptação de ondas eletromagnéticas, referidas como sinais, para o uso da Inteligência. No século XX, a Sigint se tornou o meio de reunião de dados mais eficiente, além de ter sido um importante fenômeno nesta época⁵³. A respeito deste assunto, Cepik, afirma:

Historicamente, *sigint* originou-se da interceptação, decodificação, tradução e análise de mensagens por uma terceira parte além do emissor e do destinatário pretendido. Com o uso cada vez mais intenso de comunicações escritas para fins militares ou diplomáticos no mundo moderno, desenvolveram-se igualmente as disciplinas de criptografia (uso de códigos e cifras para garantir a inviolabilidade do

⁵¹ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 194.

⁵² SHULSKY, Abraham; SCHMITT, Gary J. Silente Warfare: understanding the world of intelligence. Washington D.C.: Brassey's, 3rd. ed.: 2002. p. 11. *apud* GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 195.

⁵³ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 200.

conteúdo das mensagens) e de criptologia (a decifração e ou decodificação de mensagens interceptadas).⁵⁴

Portanto, de uma forma geral, a sigint “corresponde à interpretação, processamento, análise e difusão de informações procedente de comunicações e outros sinais eletro-eletrônicos”⁵⁵.

O autor Cepik divide a Inteligência de Sinais em dois campos: a inteligência de comunicações (*comint*) e a inteligência eletrônica (*elint*). Já o autor Gonçalves, subdivide a Sigint entre as duas já citadas e acrescenta dois outros campos, a inteligência telemétrica (*telint*) e a inteligência relacionada à interpretação de assinaturas eletromagnéticas ou sinais físicos (*masint*). Sobre estes quatro campos, temos:

Inteligência de comunicações (*comint*), a qual corresponde à interceptação - e consequente inteligência dela oriunda - de sinais de comunicações (por exemplo, mensagens de rádio) para análise e produção de conhecimento de inteligência. Em termos tecnológicos, junto com a inteligência fotográfica, a *comint* assumiu grande relevância à medida que as comunicações se desenvolveram no século XX, a partir das primeiras mensagens interceptadas com a implementação dos radiotransmissores. No século XXI, a importância da *comint* pode ser evidenciada no contexto de combate a organizações criminosas, por exemplo, em termos de interceptação das comunicações entre narcotraficantes na Amazônia.

Inteligência telemétrica (*telint*), relacionada à interpretação, processamento e análise de telemetria (processo ou técnica de obtenção, processamento e transmissão de dados de longa distância), ou seja de sinais de rádio que fornecem, por exemplo, informações de sensores de bordo de veículos relativos às características de um voo ou desempenho da aeronave. *Telint* assume relevância ao permitir a obtenção de informações relacionadas às capacidades de equipamentos militares, como mísseis ou veículos de controle remoto.

Inteligência eletrônica (*elint*), que corresponde à informação técnica ou de inteligência proveniente de coleta ou interceptação e processamento de radiações eletromagnéticas (exceto de comunicações) provenientes de fontes como o radar. A inteligência eletrônica é útil tanto para um país rastrear elementos importantes das forças armadas de outros países - como sistemas de radares de defesa aérea, centros de comando e controle -, provendo o que se conhece como ordem de batalha eletrônica, quanto para detectar a presença de um emissor de sinais. De fato, a inteligência eletrônica tem sido de grande importância na guerra moderna, cunhando-se inclusive o termo *eletronic warfare*.

Inteligência relacionada à interpretação de assinaturas eletromagnéticas ou sinais físicos (*masint*), uma vez que, a princípio, qualquer onda eletromagnética, emitida como parte ou como produto do funcionamento de um equipamento eletrônico (como o radar ou até mesmo o monitor de um computador ou, ainda, os sinais emitidos por uma máquina de escrever eletrônica) está sujeita a interceptação por um receptor devidamente situado, ajustado e sensível. *Masint* pode ser útil, também, na identificação de tipos de gases ou dejetos oriundos de uma fábrica, o que pode

⁵⁴ CEPIK, M. A. C. Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

⁵⁵ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 201.

adquirir grande importância na assinalação de armas químicas. Um último exemplo no uso de *masint* é na identificação de características específicas de sistemas de armas.⁵⁶

2.4.3 Inteligência de Imagens (Imint)

A Inteligência de Imagens se refere a informações advindas de fotografias ou interpretações de imagens. Para o autor Gonçalves, esta é uma inteligência tão antiga quanto as outras, já que a reunião de informações por meio de imagens se dá antes mesmo da invenção das fotografias, por meio de desenhos ou pinturas feitas pelos espiões. Contudo, para o autor Cepik, esta é a fonte de inteligência mais recente das três, já que ele considera que “o surgimento da área de imint como uma disciplina especializada de coleta de informações é posterior ao uso da aviação militar para reconhecimento e vigilância, durante e após as duas guerras mundiais do século XX”⁵⁷. Para ele, o seu desenvolvimento só se dá quando há a associação do uso de câmeras fotográficas e plataformas aeroespaciais.

De modo geral, a Imint é utilizada para obtenção de fotografias de lugares ou coisas que seu acesso é restrito. A Inteligência de Imagem está presente desde os primeiros satélites e sua importância nos dias atuais se destaca pela identificação de campos de treinamento e bases de terroristas ou na vigilância aérea, segundo Gonçalves.

É importante destacar que,

(...) a inteligência de imagens é um campo bastante vasto e envolve não apenas fotografias convencionais, mas imagens infravermelhas, de vídeo e monitoramento por sinais de satélite. (...) com o desenvolvimento da fotografia por satélite para fins civis e comerciais, o acesso a esse tipo de tecnologia tornou-se possível a diversos governos e organizações pelo mundo, e consequentemente a qualquer serviço de inteligência que estivesse disposto a pagar por elas.⁵⁸

Dessa forma, independente se antiga ou recente, o desenvolvimento das tecnologias atrelado a Inteligência de Imagens é muito importante para obtenção de dados que antes eram quase impossíveis de serem descobertos por serem de difícil alcance. Além disso, sua utilização faz com que as fontes humanas não precisem ser empregadas em todos os casos, principalmente em operações mais perigosas.

⁵⁶ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 202.

⁵⁷ CEPIK, M. A. C. *Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

⁵⁸ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 204.

2.5 Agências de Inteligência

Como citado anteriormente no tópico 2.1 deste trabalho, a atividade de inteligência começa a se organizar e institucionalizar de fato na Era Moderna, com o surgimento dos primeiros Estados Nacionais. Portanto, as primeiras Agências de Inteligência, também chamadas de serviços secretos, surgiram de forma permanente e profissional na Europa do século XVI.

Com a formação dos primeiros Estados, a competição prevalecia entre os governantes para a conquista de novas terras. Dessa forma, houve o surgimento dos serviços secretos de maneira organizada para a obtenção de informações que fossem úteis ao soberano, além de atuar na defesa de interesses próprios. A formação das primeiras agências se deu de forma estratégica para a consolidação dos interesses dessa nova estrutura. Em relação a isto, Cepik esclarece:

(...) o surgimento dos novos serviços de inteligência modernos foi predominantemente um fenômeno causado por atos intencionais. Os reis e ministros dos Estados europeus modernos, em seu processo de competição com outros governantes e no esforço de implementar sua dominação sobre territórios e populações cada vez mais amplos, mobilizaram recursos e criaram organizações especializadas na obtenção de informações. A criação de serviços secretos (mais tarde conhecidos como serviços de inteligência) foi uma das respostas às necessidades mais gerais dos governantes em termos de redução dos custos de transação associados à obtenção de informações.⁵⁹

Sendo assim, um dos principais marcos da atividade de inteligência foi a criação da primeira Agência de Inteligência na Inglaterra, no período do reinado da rainha Elizabeth I. Neste caso, o órgão de inteligência foi desenvolvido para proteger a Coroa contra conspirações da Igreja Católica, a qual disputava poder com monarcas ingleses desde o reinado de Henrique VIII (período antecessor ao reinado de Elizabeth I). Assim, sir Francis Walsingham foi incumbido de organizar e chefiar o primeiro serviço secreto inglês para manter a integridade do território. A esse respeito, o autor do livro *As Grandes Agências Secretas*, José-Manuel Diogo, afirma:

A espionagem não nasceu na Inglaterra com o MI6. No entanto, a Inglaterra terá mesmo sido o primeiro país europeu a conceder uma atenção especial à espionagem e à contraespionagem, durante o problemático reinado de Isabel I (1533-1603). Até essa época, a sempre necessária obtenção de informações sobre potências rivais estava a cargo de diplomatas ou nobres presentes nas cortes estrangeiras, de um modo amador, não se distinguindo muitas vezes a sua atividade da pura e simples

⁵⁹ CEPIK, M. A. C. *Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

bisbilhotice. O fato de muitas vezes cobrarem dinheiro pelas informações também não ajudava a discernir a sua veracidade.

Foi então no reinado de Isabel I, conturbado por obstinadas disputas entre católicos e protestantes, sendo os primeiros apoiados pela Espanha, o grande inimigo da Inglaterra, que emergiu a excêntrica figura (...) de Sir Francis Walsingham. Nomeado secretário de Estado por Isabel I em 1573, Sir Francis Walsingham (...) fez com que, no espaço de meses(..) tivesse montado uma extensa e tentacular rede de informantes, a quem prometia, a troco de informações, proteção real.⁶⁰

Com isso, as Agências de Inteligência, a partir dessa época, vão se especializando e se institucionalizando cada vez mais em diferentes Estados, se tornando peça chave para o cálculo estratégico de seus governantes.

Dado esse breve histórico sobre a institucionalização da Inteligência, o que seriam tais agências?

Para Woloszyn,

(...)são, em sua maioria, órgãos governamentais de natureza civil que atuam sob a égide das Constituições e legislação de seus países. (...) sua divisão é feita em departamentos ou seções interligadas, responsáveis pelo funcionamento de todo o sistema, com pequenas diferenciações, conforme as características do órgão⁶¹.

Para Cepik,

(...) são agências governamentais responsáveis pela coleta, análise e disseminação de informações consideradas relevantes para o processo de tomada de decisões e de implementação de políticas públicas nas áreas de política externa, defesa nacional e provimento de ordem pública.

O autor acrescenta que os "serviços de inteligência são justamente organizações que dependem do segredo sobre seus métodos de atuação e suas fontes de informação para operar de forma eficaz".⁶²

Assim, é a partir dessas duas definições que trabalharemos a noção de Agências de Inteligência neste trabalho. A seguir, será analisada a atuação desses órgão no período de apogeu para a Inteligência.

⁶⁰ DIOGO, José-Manuel. As Grandes Agências Secretas: os segredos, os êxitos e os fracassos dos serviços secretos que marcaram a história. São Paulo. Via Leitura: 2013. p. 101-102.

⁶¹ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.45.

⁶² CEPIK, M. A. C. Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

3 GUERRA FRIA, A GUERRA SECRETA

Durante a 2ª Guerra Mundial, considerada a “Guerra da Inteligência”, segundo John Keegan, a atividade de inteligência ganhou grandes investimentos por parte das potências envolvidas no conflito. Houve um imenso salto qualitativo e se tornou um dos principais instrumentos estratégicos para auxiliar o processo decisório⁶³. Na 2ª Guerra, antecipar o movimento do oponente era primordial para a sobrevivência das tropas. Nesse sentido, foi utilizado diversos formatos de Inteligência para se conseguir informações relevantes, dentre eles estavam “espionagem, infiltração, recrutamento, propaganda, contrapropaganda e desinformação”⁶⁴.

Assim, esse período foi de extrema relevância para os serviços secretos, já que foi o momento em que se incrementou novas técnicas e realizou novas formas de espionagem, sabotagem, desenvolvimento de máquinas criptográficas, interceptação de ondas eletromagnéticas⁶⁵, entre outros elementos, que anos mais tarde também seriam adaptados para seu uso no cotidiano das pessoas num formato não-militar.

Dessa forma, o desenvolvimento e a experiência obtida pelas potências hegemônicas do século XX e os investimentos na modernização de seus serviços foi crucial para que as Agências de Inteligência tomassem a conformação e se desenvolvessem tal qual vemos hoje. Além de criar um ambiente propício para o embate entre as duas principais potências vencedoras que, mesmo sendo aliadas, com o fim da 2ª Grande Guerra se tornam rivais, com o desejo de sobressair no mundo de novas configurações, dando início a Guerra Fria.

A Guerra Fria fez com que se acentuasse a bipolaridade existente no mundo pós-guerra e à medida que essa disputa se acentuava “mais a atividade de inteligência se destacava nas Superpotências e os serviços secretos ganhavam força”⁶⁶. Sobre este tema, Woloszyn afirma:

A Guerra Fria nada mais foi do que uma **grande operação de inteligência**. Um conflito que fomentou ainda mais a **guerra secreta** de natureza hegemônica que perdura até nossos dias. Os países que compunham o bloco soviético, os EUA e outras potências mundiais, em menor grau, **a travaram nas sombras**, e muitos episódios são, até hoje, desconhecidos do público.⁶⁷
(grifos nossos)

⁶³ WOLOSZYN, André Luís. op. cit. p.29.

⁶⁴ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.30.

⁶⁵ WOLOSZYN, André Luís. op. cit. p.31

⁶⁶ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 71.

⁶⁷ WOLOSZYN, André Luís. op. cit. p.33.

Este período é considerado como a ‘Guerra Secreta’ ou ‘Guerra nas Sombras’, pois se deu sem que o embate das duas superpotências ocorresse de fato, o que havia era a guerra travada entre os serviços secretos de ambas, que tinha o objetivo de descobrir o próximo passo do oponente, além de, através de agentes duplos ou infiltrados, conseguir obter informações sobre o desenvolvimento tecnológico para acompanhar a corrida armamentista e espacial para sair na frente.

A briga por espaço ideológico no mundo também tinha extrema relevância, era o embate entre capitalismo x socialismo e quanto maior número de Estados aderissem uma das ideologias, mais poder e influência a potência obtinha pelo mundo. E, tudo isso era executado sem que a população soubesse abertamente o que estava havendo, era uma guerra a distância, através dos serviços de inteligência. O máximo que houve foi a influência dos dois países em outras guerras (conflitos regionais) que envolviam outros Estados, dando subsídio para o país parceiro.

Dessa forma, Gonçalves destaca:

Tanto no que concerne à inteligência humana (...) quanto no desenvolvimento tecnológico sem precedentes de equipamentos e sistemas para coletar e processar informações sobre inimigos e aliados - de simples gravadores para interceptação telefônica e satélites espões e supercomputadores -, a atividade de inteligência foi um dos aspectos marcantes da Guerra Fria.⁶⁸

E, o autor Woloszyn esclarece que,

Nessa guerra, a vertente *informação* ultrapassou o aspecto das ações militares migrando para os campos técnico-científico e político-ideológico. No primeiro, a corrida tecnológica determinou um crescimento assombroso nas ações de espionagem e no recrutamento de agentes estrangeiros que empregavam métodos nada ortodoxos. (...)

No campo ideológico, a situação não era diferente. Grandes recursos materiais e humanos foram alocados por ambas as potências com o intuito de facilitar a expansão de suas ideologias (...).⁶⁹

Sendo assim, os embates mais conhecidos nessa época ocorreram entre as agências CIA e KGB, que, respectivamente, representavam os Estados Unidos e a União Soviética. Em relação a este tema, o autor Lucas Figueiredo destaca, em seu livro ‘Ministério do Silêncio’:

Na corrida armamentista, o mundo rachou e foi dividido entre norte-americanos e russos, entre capitalistas e comunistas. Paradoxalmente, as nações que se armavam ativamente para uma possível Terceira Guerra Mundial eram as mesmas que tentavam com desespero evitar a hecatombe. Nessa nova lógica neurótica e perigosa,

⁶⁸ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 71.

⁶⁹ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p.34.

os serviços secretos passariam a ser mais valiosos que muitos exércitos. Com bomba ou sem bomba, os países teriam de vigiar-se 24 horas por dia, num jogo de somar, dividir e multiplicar cujo resultado final deveria ser zero, justamente o escore que garantiria o equilíbrio e a sobrevivência do planeta. Era o início da Guerra Fria.⁷⁰

A Guerra Fria tem, então, início com operações de inteligência executadas entre as duas agências. Ainda, durante a 2ª Guerra Mundial, as potências rivais já recrutavam espões para lhes fornecer informações. Um exemplo disso, foram as informações recebidas por Moscou sobre o Projeto Manhattan, o qual relatava o projeto da bomba atômica desenvolvida pelos EUA⁷¹.

Dessa forma, a espionagem foi vital para ambos os Estados no período de tensão que foi a Guerra Fria. A esse respeito, Gonçalves relata:

No início da Guerra Fria, Moscou não tinha aliados próximos aos EUA onde pudesse instalar sistemas de interceptação de sinais nem bases e aeródromos para reconhecimento aéreo, de modo que o território estadunidense tornara-se praticamente inacessível aos soviéticos até o advento dos primeiros satélites. Daí o Kremlin só podia contar, efetivamente, com a inteligência humana. Nesse sentido, os soviéticos desenvolveram grandes redes de agentes infiltrados em órgãos públicos e empresas privadas que constituiriam o cerne da atividade de inteligência do bloco socialista.⁷²

Sobre os EUA, o autor esclarece:

Já os EUA tinham problemas no que concerne a fontes humanas, não só em virtude da dificuldade do estabelecimento de espões e recrutados do outro lado da cortina de ferro, mas também em virtude do alto grau de eficiência da contra-inteligência dos países do bloco socialista e do rígido controle exercido pelos órgãos de segurança interna sobre a população. Assim, os estadunidenses e seus aliados tinham de contar com dissidentes e desertores (...) e com o desenvolvimento tecnológico para espionar os soviéticos.⁷³

Nesse período, houve um grande salto tecnológico atrelado à inteligência, assim como o aprimoramento das fontes de inteligência, principalmente em relação à Inteligência de Imagem e de Sinais. Foi durante a Guerra Fria, que veículos espões e máquinas de interceptações foram sendo desenvolvidos e, aqueles advindos da 2ª Guerra Mundial, foram sendo aperfeiçoados.

⁷⁰ FIGUEIREDO, Lucas. Ministério do Silêncio: A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005. Rio de Janeiro: Record. 2005. p. 48-49.

⁷¹ GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 82.

⁷² GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 82.

⁷³ GONÇALVES, Joanisval Brito. op. cit. p. 82.

Um exemplo de uso da Inteligência Tecnológica ocorreu com instrumentos elaborados pela CIA conjuntamente a Força Aérea estadunidense, os quais previam a reunião de informações através de interceptações das comunicações soviéticas e sinais de radar. Assim, foram desenvolvidos mísseis intercontinentais, aviões equipados com interceptação de sinais, além do emprego da fotografia realizada por meio de aviões que sobrevoavam o território da URSS. Já, os soviéticos utilizaram como principal recurso a inteligência de sinais, como telemetria⁷⁴.

Outro aparato de extrema relevância para esta época, foi a construção de satélites espíões. Nos anos de 1950, foram lançados vários artefatos ao espaço por ambas as potências, este período foi intitulado como Corrida Espacial. Parte significativa desses objetos eram satélites com o objetivo de espionar o rival, bem como os aliados deste. Nesse caso, quem conseguiu o primeiro triunfo foi a URSS, lançando o primeiro corpo em órbita, o chamado Sputnik I, em 1957⁷⁵.

Sobre este momento histórico, o autor Woloszyn afirma:

(...) era travada a guerra secreta de modo intenso, perpetrada pelos serviços secretos por meio da espionagem, da inteligência de sinais e de comunicações. Cada nação desejava conhecer a real dimensão dos arsenais nucleares e os novos tipos de armas que estavam sendo desenvolvidos, bem como a localização de bases militares e plataformas de mísseis intercontinentais de outras nações.⁷⁶

Em 1968, houve a assinatura do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, assim como outros que pretendiam diminuir a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial com armas tão letais. Além deste, em 1972 houve a assinatura do Acordo para a Limitação de Armas Estratégicas e, em 1991, do Tratado de Redução de Armas Nucleares Estratégicas. O mundo sentia a tensão que as duas potências provocavam, através da Guerra Fria, e queria diminuir esta ameaça. Contudo, a este respeito, Woloszyn esclarece que esta foi:

Uma medida de autoproteção dissimulada, pois os tratados nunca foram cumpridos, ao contrário, as pesquisas foram incrementadas e foram surgindo novas armas letais e inteligentes, com controle e direcionamento de alvos mais aperfeiçoados.⁷⁷

⁷⁴ RICHELSON, J.T. *A Century of Spies: Intelligence in the Twentieth Century*. Oxford University Press. USA. 1997. p. 256. *apud* GONÇALVES, *op. cit.* p. 87.

⁷⁵ GONÇALVES, Joanisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 90.

⁷⁶ WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas Sombras*. São Paulo: Contexto. 2013. p.34.

⁷⁷ WOLOSZYN, André Luís. *op. cit.* p.34.

Dessa forma, a Guerra Secreta/Guerra Fria, que perdurou até 1991, foi um momento de apogeu para os Serviços de Inteligência. Foi nesse momento que a atividade se associou à tecnologia, a qual garante um maior subsídio para o desenvolvimento de técnicas importantíssimas para ações de Inteligência e Contraineligência, entre as potências envolvidas na disputa bipolar.

4 CENÁRIO PÓS-GUERRA FRIA

Em 1991, com o fim da URSS, assim como da KGB, a disputa bipolar, que estava em curso desde 1945, acaba. A Guerra Fria, então, já não faz mais parte da rotina em que o mundo estava inserido e, dessa forma, a Agência de Inteligência que terminou o conflito “vitoriosa”, a CIA, perde o propósito de sua atuação. Durante a 2ª Guerra Mundial, seu principal objetivo era vencer os nazistas e, na Guerra Fria, vencer os soviéticos, assim, com a conclusão dos conflitos a agência perdia sua principal motivação. Sobre esta situação, Woloszyn destaca:

Em 1989, com a queda do muro de Berlim e o esfacelamento da União Soviética - episódios históricos que marcaram o término da Guerra Fria e o início do processo de globalização -, a comunidade de informações sofreu a primeira grande crise e de forma profunda. Acostumados com um inimigo comum desde 1946 e tendo a maior parte de seus recursos, estruturas, pessoal, técnicas e análises voltadas exclusivamente a esse objetivo, viram-se pela primeira vez sem uma finalidade específica.⁷⁸

Apesar disso, uma nova configuração mundial estava emergindo, com novos atores e ameaças ainda mais complexas. As novas tecnologias estavam a todo vapor ampliando a globalização e encurtando distâncias com o desenvolvimento do campo das comunicações. A Inteligência tem, então, que se adaptar a esta nova ordem, redirecionando seu foco, principalmente, para a área econômica e tecnológica. Dessa forma, Gonçalves esclarece:

No início da década de 1990, a agenda do sistema internacional pós-Guerra Fria voltava-se para formas não-violentas de conflito - como a competição econômica - e para questões pouco comuns à “alta política”, com destaque para a proteção ao meio ambiente, os processos de integração econômica e os direitos humanos. Claro que a inteligência teve que direcionar seu foco para esse novo cenário, com novas prioridades e reestruturação de métodos e técnicas de obtenção de dados e produção de conhecimento.⁷⁹

Diante disso, vários Estados direcionam a Inteligência, que antes era voltada prioritariamente para a Inteligência Militar, para a Inteligência Econômica, que estava focada para a lógica de mercado do sistema que imperava, o capitalista. Um exemplo disso, foi o que aconteceu na CIA, relatado pelo autor José-Manuel Diogo:

Sem URSS para confrontar, a ideologia foi colocada à parte e Bill Clinton apostou, não tanto na exportação da liberdade e democracia (nem que fosse à força), como seus antecessores, mas numa variação desta: fomentar o aparecimento no mundo de

⁷⁸ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p. 105.

⁷⁹ GONÇALVES, Joanival Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008. p. 109.

mercados livres. A sua visão era mais comercial e empresarial do que geoestratégica. Cabia à CIA tentar integrar-se nessa nova realidade, o que parecia não ser tarefa fácil.⁸⁰

Outro fator importante de ser destacado, foi que com o fim da insegurança internacional, provocada pela Guerra Fria, e das preocupações militares, o orçamento da atividade de Inteligência começa a ser reduzido. Além disso, começa a ser questionado a real importância de se manter o serviço secreto no novo cenário que emergia, um cenário aparentemente sem conflitos com os quais se preocupar.

Contudo, com o cenário tecnológico tomando força, novas ameaças começam a surgir no plano internacional, dentre os quais estavam o crime organizado, o terrorismo, e a proliferação de armas de destruição em massa, além de atores estatais e não estatais que representavam riscos, ou um potencial risco, à estabilidade do sistema internacional⁸¹.

O mundo passava por este processo, quando ocorreram os atentados de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono, o primeiro ataque perpetrado em solo estadunidense, após anos de conflitos, e que colocava em dúvida a real eficácia da Agência de Inteligência norte-americana, assim como de sua Contraineligência. A esse respeito, o autor Woloszyn relata:

As principais agências de inteligência governamentais do mundo estavam em pleno processo de reestruturação e capacitação para atender às novas demandas quando um acontecimento veio a abalar todo o sistema, notadamente nos EUA. O 11 de setembro de 2001 desencadeou a segunda grande crise que se abateu sobre a comunidade de inteligência. Os atentados terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono, perpetrados por radicais islâmicos da rede terrorista Al Qaeda, colocaram em xeque toda uma estrutura de inteligência que se julgava inatingível, lançando dúvidas sobre a sua operacionalidade ou a real capacidade de seus órgãos e agências na coleta, busca e análise de dados.⁸²

Os ataques foram vistos como uma fragilidade de seu aparato de segurança e, a partir daí, foi dado início a uma nova fase da atividade de Inteligência, evidenciando um novo inimigo, começava a intitulada “Guerra contra o terror”. Sobre isso, Gonçalves esclarece:

Então ocorreram os atentados de 11 de setembro de 2001... E os EUA, abalados pelo que se evidenciava como despreparo, incompetência ou fragilidade do seu aparato de segurança e inteligência, passariam por mudanças significativas

⁸⁰ DIOGO, José-Manuel. *As Grandes Agências Secretas: os segredos, os êxitos e os fracassos dos serviços secretos que marcaram a história*. São Paulo. Via Leitura: 2013. p. 49.

⁸¹ GONÇALVES, Joannisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 111.

⁸² WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas Sombras*. São Paulo: Contexto. 2013. p. 109.

internamente e em sua atuação pelo globo. Começava a “guerra contra o terror”, no que alguns chamariam de “a era da globalização do terrorismo”.⁸³

E, a partir desta situação, é iniciada uma grande reestruturação na atividade de inteligência e de seu aparato, não só nos EUA, mas também em seus países parceiros, os quais colocaram como um dos principais pontos a ser analisado pelo Sistema de Inteligência e em seus planos estratégicos para defesa nacional, o terrorismo. Sobre esta situação, o autor do trabalho *O Papel da Inteligência na Atualidade*, Antônio Vandir de Freitas Lima, destaca:

Com o atentado terrorista às torres gêmeas do WTC, os EUA estão reformulando a Doutrina de Segurança Nacional (ou o seu equivalente) para endurecer as leis e as ações dentro do Estado, a fim de garantir a soberania e a hegemonia do Estado Norte-Americano. Este ato pôs na pauta de todas as nações aliadas a questão do terrorismo como a prioridade das ações dos serviços de inteligência. Mesmo porque, acusa-se o serviço de inteligência de ter falhado não prevendo, ou não divulgando a tempo, a ameaça que estava por se lançar.⁸⁴

Dessa forma, as novas configurações do mundo pós-Guerra Fria faz com que haja mudanças importantes nas Agências de Inteligência. Com a reestruturação feita pelos EUA em seus setores de segurança e inteligência, outros países começam a fazer o mesmo, inclusive alterando sua legislação a respeito do assunto. Há criação de setores antiterror e novos atores são colocados como alvos da análise das agências.

Assim, pode-se dizer que atualmente a atuação das Agências de Inteligência, na conjuntura da geopolítica internacional, centra-se nas novas ameaças trazidas pelo século XXI. São algumas delas: o crime organizado, o terrorismo, a espionagem econômico-industrial e a proliferação de armas de destruição em massa. A esse respeito, o autor Woloszyn afirma:

Os riscos emergentes e as novas ameaças do século XXI mostram-se muito diferentes daqueles que estávamos acostumados a enfrentar em décadas anteriores. São caracterizados pelo dinamismo híbrido e pela alta tecnologia, tornando-se de difícil previsão e detecção. São questões naturalmente complexas que ameaçam de forma direta a estabilidade social e a segurança das nações.

Dentre essas ameaças, num âmbito internacional, podemos citar o terrorismo extremista, os crimes cibernéticos, crescimento de organizações criminosas transnacionais especializadas em narcotráfico, tráfico de armas, de materiais nucleares, biopirataria, a proliferação de armas de destruição em massa, como as químicas, biológicas e radiológicas, artefatos nucleares em mãos de atores não estatais, desestruturação institucional de alguns países (Estados falidos), espionagem econômica e industrial e tecnologias de uso dual, as quais servem a propósitos

⁸³ GONÇALVES, Joannisval Brito. *Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá*. Universidade de Brasília. 2008. p. 111.

⁸⁴ LIMA, Antônio Vandir de Freitas. *O Papel da Inteligência na Atualidade*. Faculdade Albert Einstein. Pós-Graduação, Especialização em Inteligência Estratégica. Brasília. 2004. p. 27.

militares e civis, simultaneamente. No âmbito regional, são representadas pela degradação do meio ambiente, mudanças climáticas, ciberdelinquência e crime organizado.⁸⁵

A Política Nacional de Inteligência do Brasil, por exemplo, frisa onze principais ameaças, as quais têm de ser observadas pelo potencial de pôr em perigo a integridade da segurança nacional do Estado Brasileiro. Dessa forma, o SISBIN prioriza as seguintes ameaças: espionagem, sabotagem, interferência externa, ações contrárias à Soberania Nacional, ataques cibernéticos, terrorismo, atividades ilegais envolvendo bens de uso dual e tecnologias sensíveis, armas de destruição em massa, criminalidade organizada, corrupção e ações contrárias ao Estado Democrático de Direito⁸⁶.

Outro ponto importante a ser destacado é a influência da crescente tecnologia de informação na sociedade. Isso faz com que a atividade de inteligência tenha que estar em constante atualização de seus sistemas de processamento, armazenamento e proteção de dados sensíveis, para que o patrimônio nacional não sofra nenhum ataque cibernético, que pode ser realizado tanto por agências adversas quanto por atores não estatais. Sobre isso a PNI destaca:

No mundo contemporâneo, a gestão dos negócios de Estado ocorre no curso de uma crescente evolução tecnológica, social e gerencial. Em igual medida, as opiniões, interesses e demandas da sociedade evoluem com celeridade. Nessas condições, amplia-se o papel da Inteligência no assessoramento ao processo decisório nacional e, simultaneamente, impõe-se aos profissionais dessa atividade o desafio de reavaliar, de forma ininterrupta, sua contribuição àquele processo no contexto da denominada “era da informação”. Em meio a esse cenário, há maior disponibilidade de informações acerca de temas de interesse, exigindo dos órgãos de Inteligência atuação não concorrente, bem como produção de análises com maior valor agregado. O desenvolvimento das tecnologias da informação e das comunicações impõe a atualização permanente de meios e métodos, obrigando os órgãos de Inteligência - no que se refere à segurança dos sistemas de processamento, armazenamento e proteção de dados sensíveis - a resguardar o patrimônio nacional de ataques cibernéticos e de outras ações adversas, cada vez mais centradas na área econômico-tecnológica.⁸⁷

⁸⁵ WOLOSZYN, André Luís. Guerra nas Sombras. São Paulo: Contexto. 2013. p. 129-130.

⁸⁶ BRASIL. Política Nacional de Inteligência. 24. set. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/politica-nacional-de-inteligencia-1/politica-nacional-de-inteligencia>. Acesso em: 16/07/2022.

⁸⁷ BRASIL. Política Nacional de Inteligência. 24. set. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/politica-nacional-de-inteligencia-1/politica-nacional-de-inteligencia>. Acesso em: 16/07/2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo do trabalho, percebe-se que a atividade de Inteligência é desempenhada a bastante tempo pelas sociedades humanas, podendo ser identificada em vários momentos ao longo da história. Isso mostra o quão importante a Inteligência sempre foi, num maior ou menor grau. É perceptível que os grandes e poderosos impérios, como o romano, utilizaram a atividade para garantir o seu poder, conseguindo enfrentar crises de maneiras estratégicas ou até mesmo impedi-las de acontecer. Atualmente, esse cenário não é muito diferente, já que seu uso é de extrema importância para a manutenção das relações internacionais.

Contudo, a atuação das Agências de Inteligência foi se alterando diante das modificações que ocorriam nas relações sociais. O objeto de estudo deste trabalho era justamente entender a relevância desses atores no cenário atual, pós-Guerra Fria. A ruptura que houve no século XXI, com as modificações de relações que se deu a partir do aprimoramento da tecnologia, faz com que a lógica de interesses estratégicos não seja a mesma que no final do século passado. Um exemplo disso é que todo o aparato de Inteligência que foi retirado do confronto ideológico foi redirecionado para outros tipos de atividade, como a Inteligência Econômica.

No mundo contemporâneo, o Estado que quer ocupar posição de destaque no plano das relações internacionais não pode lidar de forma desatenta com o aparato de Inteligência, visto que um Sistema de Inteligência com poucos investimentos torna vulnerável tanto a sociedade quanto o próprio Estado. O autor Gonçalves já deixa claro quando destaca que “não investir em inteligência é ser surpreendido com situações adversas”⁸⁸. Ao não informar-se suficientemente sobre o jogo geopolítico que ocorre entre os Estados, fica difícil desenvolver cenários prospectivos, preditivos e estratégias de planejamento e de segurança que garantam os interesses nacionais. O Estado brasileiro passou por momentos de vulnerabilidade, por exemplo, quando o Governo Collor desfez o Sistema de Inteligência, em 15 de março de 1990. Atualmente, após fracassar em seu mandato e ter sofrido impeachment, em 1992, o agora senador Fernando Collor atua na tentativa de constitucionalizar a atividade de inteligência, compreendendo, ainda que tardiamente, sua importância.

⁸⁸ GONÇALVES, Joanisval Brito. Brasil, Serviços Secretos e Relações Internacionais: Conhecendo um pouco mais sobre o Grande Jogo. Defesa Nacional para o Século XXI: Política Internacional, Estratégia e Tecnologia Militar. 2012. p. 313, cap. 10. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_defesa_nacional_secxxi.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

Assim, como colocado no tópico 4 deste trabalho, no mundo pós-Guerra Fria a atuação das Agências de Inteligência tem como foco o combate das novas ameaças do século XXI, que estão se tornando cada vez mais complexas e desestabilizadoras. Dessa forma, as agências vêm evoluindo a cada nova ameaça que surge, a partir do avançado grau de desenvolvimento científico e tecnológico atingido pelos Estados. Isso faz com que o nível de especialização seja cada vez maior, além do incremento dos investimentos em tecnologias e softwares utilizados para combater ameaças advindas da Era Digital. Hoje, a Inteligência se desdobra em diversos campos, tais como ciência e tecnologia, econômico, de controle, dentre outros.

Importante ressaltar que, a atividade de inteligência é compatível com regimes democráticos, ajudando na consolidação e servindo de alicerce da própria democracia. Mas, é preciso ter em mente que instituições que lidam diretamente com o poder têm de ser controladas por um outro aparato, a fim de se evitar abusos. A exemplo de países como o Brasil, que teve seus serviços de inteligência envolvidos em atividades de polícia política, vale dizer que esta realidade só foi possível graças a uma ausência de cultura de Inteligência, de legislação e de fiscalização democráticas que fosse capazes de frear o desvirtuamento da atividade de Inteligência. O problema não estava na atividade de Inteligência, mas no seu desvirtuamento. Dessa forma, é importante haver uma legislação nacional democrática detalhando a maneira como a atividade de Inteligência deve ser produzida, assim como os seus limites e seu controle.

Sendo assim, conclui-se que a Inteligência é uma atividade que está historicamente imersa no dia a dia dos povos, executando um trabalho extremamente estratégico em seus países. No mundo atual complexo, globalizado, houve diversas modificações em relação à execução dessa atividade e, hoje, diante de um cenário dinâmico e turbulento, a atuação das agências se faz cada vez mais essencial. Assim, com o crescimento de novas ameaças, principalmente aquelas afetas à Era Digital, a manutenção da segurança, defesa e soberania das nações só pode ser garantida passando pelo assessoramento do processo decisório das elevadas esferas de governo, ou seja, através da atividade de Inteligência. A Inteligência, portanto, nunca se mostrou tão necessária à sobrevivência da organização a que os povos se dão no concerto das nações, principalmente, em um mundo que se apresenta a cada dia mais incerto, inseguro e turbulento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEE, Philip. Dentro da “Companhia”: Diário da CIA. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1976.

ARBEX JUNIOR, José. Guerra Fria: Terror de Estado, política e cultura. São Paulo: Moderna, 1997.

BARBEIRO, Heródoto. O Novo Relatório da CIA: Como será o amanhã. 1ª edição. Geração Editorial, 2009.

BARBEIRO, Heródoto. O Relatório da CIA: Como será o mundo em 2020. Ediouro, 2012.

BRANDÃO, Priscila. Serviços Secretos e Democracia no Cone Sul: Premissas para uma convivência legítima, eficiente e profissional. Niterói/RJ. 1ª edição. Impetus, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999. Institui o Sistema Brasileiro de Inteligência, cria a Agência Brasileira de Inteligência - ABIN, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1999.

BRASIL. Decreto nº 4.376, de 13 de setembro de 2002, o qual dispõe sobre a organização e o funcionamento do Sistema Brasileiro de Inteligência, instituído pela Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Doutrina Nacional de Inteligência de Segurança Pública. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública. 4 ed., 2014.

BRASIL. Política Nacional de Inteligência. 24. set. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/politica-nacional-de-inteligencia-1/politica-nacional-de-inteligencia>. Acesso em: 16/07/2022.

CARDOSO, Paulo Roberto. Soberania e exceção em Carl Schmitt. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARDOSO, Paulo Roberto. Diatética Cultural: estado, soberania e defesa cultural. 2016, 212.f. Tese (Doutorado em Filosofia do Direito) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CARDOSO, Paulo Roberto. SOUSA, Vamberto Gomes. A Inteligência no Tribunais de Contas Estaduais (Controles Interno/Externo) - Rio de Janeiro - ESG - 2013.

CEPIK, Marco A. C. Espionagem e Democracia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

CEPIK, M. A. C. Serviços de Inteligência: Agilidade e Transparência como Dilemas de Institucionalização. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro. 2001.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. Nacional Intelligence: A Consumer's Guide. 2009.

CRUMPTON, Henry A. A Arte da Inteligência: Os bastidores e segredos da CIA e do FBI. 1ª edição. Barueri, SP:Novo Século, 2013.

DIOGO, José-Manuel. As Grandes Agências Secretas: Os Segredos, os Êxitos e os Fracassos dos Serviços Secretos que Marcaram a História. 1ª edição. São Paulo, Via Leitura, 2013.

FARAGO, Ladislav. A Guerra Secreta: História da espionagem na II Guerra Mundial. Edições 70, 2018.

FERRAZ, Daniel A. HAUSER, Denise. A Nova Ordem Mundial e os Conflitos Armados. Decálogo, 2002.

FIGUEIREDO, Lucas. Ministério do Silêncio: A História do Serviço Secreto Brasileiro de Washington Luís a Lula, 1927-2005. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FRATTINI, Eric. A Santa Aliança: Cinco Séculos de Espionagem no Vaticano. 1ª edição. Boitempo, 2009.

FRATTINI, Eric. Mossad: os carrascos do Kidon. 1ª edição. Seoman, 2014.

GADDIS, John Lewis. A Guerra Fria. Lisboa: Edições 70 Lda., 2005.

GÊNESIS 8, 1:13. Bíblia Sagrada. Disponível em:
<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/8/amp/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GONÇALVES, Joanisval Brito. Políticos e Espiões: O controle da atividade de inteligência. 2ª edição. Impetus, 2018.

GONÇALVES, Joanisval Brito. Sed Quis Custodiet ipso Custodes? O Controle da Atividade de Inteligência em Regimes Democráticos: os casos de Brasil e Canadá. Universidade de Brasília. 2008

GONÇALVES, Joanisval Brito. *Brasil, Serviços Secretos e Relações Internacionais: Conhecendo um pouco mais sobre o Grande Jogo*. Defesa Nacional para o Século XXI: Política Internacional, Estratégia e Tecnologia Militar. 2012. p. 302, cap. 10.

GONÇALVES, Joanisval Brito. O Controle da Atividade de Inteligência: Consolidando a Democracia. Revista Brasileira de Inteligência. Brasília: Abin, v.1, n.1, dez. 2005.

HARDING, Luke. Os Arquivos Snowden: A história secreta do homem mais procurado do mundo. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

HENRIQUES, Hugo Rezende. *Fenomenologia do Poder: O Estado de Direito e seu Compromisso com o Poder como Liberdade*. 2020. 277 f. Tese (Doutorado em Direito) — Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

HERNÁNDEZ, Jesús. Operações Secretas da Segunda Guerra Mundial: Conspirações, agentes secretos, contraespionagem, golpes e sabotagens. São Paulo: Madras, 2012.

JOSUÉ 2, 1:23. Bíblia Sagrada. Disponível em:
<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/josue/2/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

HORTA, José Luiz Borges. *História do Estado de Direito*. São Paulo: Alameda, 2011.

HORTA, José Luiz Borges. Urgência e emergência do constitucionalismo estratégico. *Revista Brasileira de Estudos Constitucionais [Recurso Eletrônico]*, Belo Horizonte, v. 6, n. 23, jul./set. 2012. Disponível em:
<<http://dspace/xmlui/bitstream/item/4957/PDIexibepdf.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

KEEGAN, John. *Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KENT, Sherman. *Informações Estratégicas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v.57, 1967.

LE CARRÉ, John. *O Espião que Sabia de Menos*. 1ª edição. Record, 2012.

LIMA, Antônio Vandir de Freitas. *O Papel da Inteligência na Atualidade*. Faculdade Albert Einstein. Pós-Graduação, Especialização em Inteligência Estratégica. Brasília. 2004. p. 27.

MONTAGU, Ewen. *O Homem que Nunca Existiu*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1978.

MOURA, Elke A. S. de. Entrevista concedida a Caroline Mariete Pimentel. Belo Horizonte, Ministério Público de Contas de Minas Gerais. 12 jul. 2022.

NASSER, Salem. *Relatório da CIA A Nova Era: Previsões até 2035*. 1ª edição. São Paulo: Geração, 2019.

NÚMEROS 13. Bíblia Sagrada, disponível em:
<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/numeros/13/>. Acesso em: 02 jul.2022.

PACEPA, Ion Mihai. RYCHLAK, Ronald J. *Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo*. 1ª edição. Vide Editorial, 2015.

PACHECO, Denilson Feitoza. Entrevista concedida a Caroline Mariete Pimentel. Belo Horizonte, 25 mai. 2022.

PATERSON, Michael. *Decifradores de Códigos: A história e os relatos dos heróis secretos da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

PEREIRA, Cláudia Vieira. *A Atividade de Inteligência como Instrumento de Eficiências no Exercício do Controle Externo pelo Tribunal de Contas da União*. Centro Universitário Newton Paiva. Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2009.

PLATT, Washington. *A Produção de Informações Estratégicas*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1974.

RANGEL, Arthur Nadú. *O Poder Moderador no Estado Brasileiro*. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RORATTO, José Manoel. Acepções e Conceitos de Inteligência de Estado. *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 7, jul. 2012.

SALGADO, Joaquim Carlos. O Estado ético e o Estado poiético. *Revista do Tribunal de Contas de Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 37-68, abr./jun. 1998.

SALGADO, Joaquim Carlos. Semiótica Estrutural e Transcendentalidade do Discurso sobre a Justiça. *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*, Belo Horizonte, v. 37, 2000.

SAUNDERS, Frances. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SMITH, Jerry E. *Armas Eletromagnéticas: seria o projeto Haarp a próxima ameaça mundial* São Paulo: Aleph, 2005.

SNOWDEN, Edward. *Eterna Vigilância: Como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SUN TZU. *A Arte da Guerra*. Disponível em: <https://www.sogipa.com.br/web/imgs/arquivos/a-arte-da-guerra5e8e0e84.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2022.

Superintendente da Abin. Entrevista concedida a Caroline Mariete Pimentel. Belo Horizonte. 15 jul. 2022. [o entrevistado preferiu não ser identificado].

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema: Logística da percepção*. São Paulo: Boitempo, 2005.

WILSON, Valerie Plame. *Jogo de Poder: como uma espiã do alto escalão da CIA foi traída pelo seu próprio governo*. São Paulo: Seoman, 2011.

WOLF, Markus. *O Homem Sem Rosto: a autobiografia do maior mestre de espionagem do comunismo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

WOLOSZYN, André Luís. *Guerra nas Sombras: Os bastidores dos Serviços Secretos Internacionais*. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.

WOLOSZYN, André Luís. *Inteligência Militar: O emprego no exército brasileiro e sua evolução*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

WOODWARD, Bob. Veil: As Guerras Secretas da CIA, 1918-1987. São Paulo: Best Seller, 1987.

FILMOGRAFIA

MISSÃO NO MAR VERMELHO. Direção: Gideon Raff. Produção: Aaron L. Gilbert, Alexandra Milchan, Gideon Raff. EUA. 2019.

O ANJO DO MOSSAD. Direção: Ariel Vromen. Produção: Simon Istolainen, Zafrir Kochanovsky, Antoine Stioui. EUA. 2018.

O ARSENAL DE ESPIÕES. Direção: não encontrada. EUA. 2021. Distribuidora Netflix.

O SOLDADO QUE NÃO EXISTIU (Operation Mincemeat). Direção: John Madden. Produção: Iain Canning, Charles S. Cohen, Emile Sherman, Kris Thykier. Reino Unido, EUA: FilmNation Entertainment. Distribuidora Netflix 2021.

O JOGO DA IMITAÇÃO. Direção: Morten Tyldum. Produção: Graham Moore, Nora Grossman, Ido Ostrowsky, Teddy Schwarzman. EUA, Reino Unido. Distribuidora: The Weinstein Company. HBO Max. 2014.

PONTO DE VIRADA: 11/9 E A GUERRA CONTRA O TERROR. Criado por: Brian Knappenberger. EUA. 2021. Distribuidora Netflix.

PACHECO, Denilson Feitoza. Conexão Inteligência (Espionagem. Geopolítica. Tecnologia. Direito.). YouTube. 2021. Disponível em:
<https://youtube.com/channel/UC6gnPzxLYhoI6dqfUgMoXCw>.

SEGREDOS OFICIAIS. Direção: Gavin Hood. Produção: Ged Doherty, Elizabeth Fowler, Melissa Shiyu Zuo. Reino Unido, EUA. 2019. Distribuidora: Amazon Prime Video.

WASP NETWORK: REDE DE ESPIÕES. Direção: Olivier Assayas. Produção: Charles Gilbert, Rodrigo Teixeira. França, Brasil, Espanha e Bélgica. Distribuidora Netflix. 2021.